A arte de comprar chapéus

Clodoaldo Turcato

CLODOALDO TURCATO

A Arte de comprar chapéus

Segunda Edição

Editora do Livre Pensador

Recife, Pernambuco

2023

Título Original

A arte de comprar chapéus

Segunda Edição

Copyright @ 2020 by Clodoaldo Turcato

Copyright da edição @ 2023

Editora do Livre Pensador

Avenida Presidente Kennedy, 4834

Candeias

54430-030 – Jaboatão dos Guararapes – PE

Telefone (081) 9.8301-9710

e-mail: https://livrepensador.lojavirtualnuvem.com.br/

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Capa: Clodoaldo Turcato

Ilustração de capa: Codo

PREFÁCIO

O dever de traçar a estética de um prefácio não é moldado simplesmente por pura facilidade e simplicidade; dependente dos fatores que influenciam nessa narrativa, pode ser complicado e complexo. Fico alegre de poder marcar presença no itinerário da criação da formação do livro em si, ainda mais por tão cativante história.

Gastar partículas de seu tempo escoltado por um bom livro é um reconfortante passatempo, e recomendo para todos os tipos de idades e pessoas. A leitura constrói barreiras contra a ignorância, impedindo sua entrada numa mente bem formada. Apesar dos muros de livros contra malefícios de uma mente focada em apenas uma ideia principal, são estes obstáculos que convertem uma personalidade fechada para uma aberta e escancarada para escutar respeitosamente divergentes opiniões e o mais importante, transmitir seu ponto de vista com educação e bons modos.

A história desperta e capta a criatividade do autor em transformar uma ficção advinda de mente tão imaginativa em uma narração demasiadamente verossímil. O enredo é capaz de prender-vos no mundo em que tal se passa, sentindo-se parte disso. Chega a ser tão real que tem a capacidade de abrir seus olhos e sua mente, focando no ponto de vista de cada uma das

personagens como se fosse ela própria. É incrível o quão expansiva chega ser o desejo de infiltrar entre as entrelinhas, tentando entender as atitudes de cada ser que participa do livro e sentir como seria realmente estar lá.

Inteiramente e profundamente fascinante, o autor tem a capacidade de fisgar o seu caro leitor para o interior de cada letra, que em sintonia com outra forma logo uma palavra e da multiplicação delas, frases. Ansiosamente aguardamos por mais e mais reviravoltas pelo recorrer da história, envolvidos com a vivacidade que há entre cada pontuação em parágrafos de harmonia.

Fabrícia Valadares de Carvalho Cezario

Influenciadora digital e Diretor do Site Galega e seus Livros

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Revisar meus escritos fora uma tarefa bem espinhosa. Retornar ao lodo dos advérbios era o calvário, uma cruz pesada demais para carregar. O grande problema, que eu tinha, era perceber que alguns livros nasceram fadados ao fracasso, ou precisava de mais aprofundamento, e isto me desanimava. Outro problema com as revisões são os pequenos erros que passam diante de nossos olhos. Este livro, em particular, revisei três vezes e em todas ajustei coisas. Pensei em reescrever, porém não tenho paciência para consertos, ainda mais quando o escrito não merece.

A Arte de comprar chapéus ficou abandonado por muito tempo, longe do de meus olhos e pouco divulgado. A estória é curta e vazia, uma amontoado de confissões que dariam certo num filme, desses de Telecine. De qualquer maneira, neste meu infeliz manifesto, tem relampejos de coisa boa e ficará para fazer um roteiro, assim talvez seja tragável.

No primeiro lançamento, o prefácio ficou a cargo de Fabrícia, que escreveu muito e não entendi nada. Deu um parecer de como o livro deve cativar, o que me levou a conclusão de que tudo estava tão ruim a ponto de ela voltear e não se posicionar. Um texto vago, que mantenho, servido de parâmetro e preparando o leitor para o vazio.

Mesmo neste mau presságio, resolvi colocar o bicho na lida outra vez. Aquele sentimento de não abandonar o filho corcunda que abre os dentes, às vezes, e nos brinda com alguma luz, desviando nossa atenção e nos fazendo procurar beleza onde ela não existe. Deste modo o livro ressuscitou como um Lázaro escamado, chagas a mostra para o repúdio publico.

Sejamos leves e condizentes, perdoem essas falácias e acompanhem este esforço de quase morte.

PARTE I

O PECADO

Primeiro

Falta pouco. Muito pouco. Talvez minutos, talvez horas, talvez dias. Não sei. Sei que ela está perto, muito perto.

A noite começou chuvosa, com raios grandes por dentre nuvens pretas. Minha janela mal suporta as rajadas de vento e o frio aumentou muito nas últimas horas. Tenho a impressão de ter a ter visto rondando minha casa. Talvez não chegue a ver novamente o sol. Tantas vezes via o sol e não dei menor importância para isto. Medo. Estou com medo de não ver mais o sol. Estou com medo de não sentir mais calor. Estou com medo de a qualquer instante a foice mortal dela me arranque o último suspiro de vida. Respirei a vida toda e não dei a menor importância e agora estou apavorado com a possibilidade de não mais sentir ar entrando em meus pulmões. Sinto vontade de um café, no entanto não consigo me mover um palmo. Consegui este rascunho e um lápis para anotações há muito custo. Como iria bem um café agora, meu Deus! Uma rajada forte. Estou assustado. Há quem diga que não teme a morte – eu também dizia – no entanto estou aterrorizado e faria qualquer coisa por mais um dia.

Minhas costas doem. Perdi muito sangue. Estou fraco.

Há algumas horas quando percebi que estaria perdido e meu cemitério seria esta casa, decidi escrever algo, algumas folhas até que ela chegasse. Um diário, um relato... uma confissão. Só tememos o mundo, vivos. Depois de mortos não importa o que os outros vão dizer. Não pretendo memória alguma. Para ser franco, minha vida não foi nada exitosa. Foi daquelas vidas em que se pudéssemos esconderíamos no primeiro tapete imundo que encontrássemos para nunca ser encontrada – sujeira grossa. Algum infeliz, um desavisado e pretenso escritor deixou um calhamaço de papel e lápis, o que me propiciou escrever. Não iria fazê-lo, confesso. Se pudesse escapar de mais essa cilada da vida eu não escreveria. Iria me recuperar e seguiria minha jornada torpe. Estou sozinho, longe de tudo, numa vasta mata sem recursos e com o fim muito próximo. Logo, preciso me reconciliar, pedir perdão ou algo que o valia. Durante nossa vida arrastamos conosco gente boa e honesta que por um momento se engraçam com algo que julgam ser bons. E para estas pessoas que deixarei estas páginas – se conseguir finalizar, claro - e para algum editor que ache tudo uma novela e queira publicar. Jamais quis ser autor de coisa nenhuma. Queria apenas ser engenheiro. Nada mais.

Culpar o destino seria uma saída. Quem sabe se naquele dia eu tivesse tido uma dor de barriga qualquer e não seguido para meu estágio, hoje eu... Pensando bem, é uma mera desculpa tola. O destino não nos obriga a

tomar nenhuma atitude. Fazemos por livre vontade ou indução, que também pode ser ignorada. Tudo que fiz foi por minha vontade. Pronto. Não vou justificar. Talvez nem devesse escrever, pois fatalmente me justificarei, farei com um bom pedaço de egoísmo e preciosismo. Tentarei criar um herói, um salvador como os bustos que de nada servem a não ser acumular estrume.

Estarei só até ela chegar. Solidão agora. Frio, abandono e chuva que não quer parar. Os raios se multiplicam e o telhado pode ser levado a qualquer instante. Algumas goteiras começam aparecer, mas não atingem onde estou. Um alívio. A luz é boa. Consigo ver perfeitamente toda a mobília da casa que se constitui de poucos móveis e alguns bons livros. Vejo Balzac, Dickens, Victor Hugo, Virginia Wolf, Tolstói... acho que Clarice Lispector. Júlio Verne, sim, é Volta ao Mundo em 80 dias. As paredes têm bons quadros. Reconheço alguns: Di Cavalcanti, Romero Brito. Lasar Segall. Um pequeno no fundo parece ser Matisse. Talvez uma cópia. Tem uma montanha de quadrinhos e muito café. Talvez seja um escritor. E se for vai tomar meus escritos e publicá-los. Um ladrão. Comecei a odiá-lo. Por um momento penso em recuar. Seria menos um livro ruim. Não vi nenhuma caneta por perto. Talvez não haja. Lápis e apontadores, encontrei ao lado da cama. Nenhum vestígio de escrita ou nome do proprietário da casa. Não consegui procurar direito. Talvez no andar de cima. Não tenho condições e

tempo para uma pesquisa melhor. O que tenho é o suficiente.

Mais um susto. Alguma coisa foi arrastada pelo vento. Estalos de uma árvore quebrando. Caiu para o outro lado da casa. Ainda bem.

Vou iniciar antes que ela chegue.

Segundo

A fera estava para me pegar. Dentes grandes e muita baba na boca. Senti seu cheiro fedido que parecia vir do fundo de seu corpo grande e preto. Seus olhas eram vermelhos, fundos e brilhantes como fogo, orelhas pontudas como de um lobo e o nariz alongado. Estava brava, estava faminta. Não senti suas patas, apenas seu rosto grande a poucos milímetros. Logo a fera sumiu. Não havia mais fera. Vejo-me dentro de nossa casa com um prato de angu à minha frente. A fera estava deitada a alguns metros mordendo um pedaço de frango que alguém deixará para ele mastigar. “Menino arteiro. Foi mexer na comida do cachorro. Tá vendo.”

Esta é uma das poucas lembranças de minha infância. Uma fera. Esta fera apareceu muitas vezes em meus sonhos e devaneios, me acompanha até agora, cá neste fim de mundo com chuva despencando sobre minha cabeça. Talvez a morte tenha esta cara terrível. A fera não esqueceu o dia que tentei roubar seu pedaço de carne. A fera nunca me esqueceu.

Nasci em Santa Catarina e desta cidade tenho uma única lembrança. Minha infância saltou para o interior do Mato Grosso com seis anos de idade. Nossa família tinha uma casa grande bem no meio da agrovila que se chamava Nova Aurora, um assentamento do INCRA ficando no Norte de Mato Grosso e capitaneado pelo 9° Batalhão de

Engenharia e Construção do Exército, às margens da BR 163. Ao todo eram oitenta famílias distribuídas em lotes de terra plana e infértil. A única casa bem construída era a nossa e dispúnhamos de uma Camioneta Toyota que servia a toda comunidade. A cidade mais próxima era Sinop a duzentos quilômetros ou a capital Cuiabá há 450 quilômetros. Neste deserto, nossa família se instalou e prosperou à custa do arroz e soja. Meu pai tinha dinheiro e passou a comprar lotes de colonos pobres, aglutinando cinco mil hectares de terra. Um latifundiário a mais que cresceu com a miséria alheia.

Eu fui filho único. Mamãe teve problemas em meu parto e precisou tirar o útero. Maldição da fera, claro. Às vezes mamãe comentava na mesa " Neri, e se a gente adotasse uma menina." Papai erguia os olhos, olhava para mim e devolvia um não redundante. Nossa família é descendente de Italianos e não gostam de se misturar com negros, índios e todo gênero LGBT. "Um Turcato não casa com negras, não se amiga de índio e é macho", alardeava meu pai em suas rodas de amigos e parentes. Todos calavam quando ele falava. Papai indicou o primeiro Prefeito e vereadores quando a agrovila se tornou um município. Enquanto único rico, mandou e desmandou, levando o curso da localidade ao seu gosto.

Fui criado neste ambiente sem limites.

Toda cidade me bajulava. “Este é o filho do Turcato”. Turcato soava como Rei. A ele tudo. Papai era generoso, sempre interferia pela cidade e pelos trabalhadores. A nossa casa estava sempre com gente na porta para discutir coisas cotidianas do dia-a-dia e papai passava boa parte do dia em reuniões. Eu ficava aos seus pés escutando tudo e quando a pessoa saía ele tecia seus comentários: “Tá vendo menino, fala mal de mim depois vem pedir lambuja”; “ Essa daí é biscate, engana o pobre do marido e depois vem reclamar quando apanha em casa”; “Esse preto não serve pra nada. Vadio que só. Não se ajuda gente assim, menino. Logo que melhoram eles mordem sua perna”... Tantos outros ensinamentos carregados de ódio e preconceito. O poder o colocou no pedestal do bem e do mal.

A cidade cresceu e outros enriqueceram, equilibrando as coisas. A oposição se formou e tomou o poder de papai, que se afastou da política se dedicando apenas aos negócios e a meu futuro.

“Você vai ser engenheiro. Um grande engenheiro e cuidar dos negócios da Material de Construção. Meu engenheirozinho.”

Terceiro

A região Norte de Mato Grosso foi colonizada por agricultores com recurso. Talvez esta seja uma das características de seu progresso repentino. Não se trata de assentamentos onde o INCRA teve que bancar tudo e liberar verbas aos pingos, que fatalmente criam novos miseráveis. O Governo transferiu agricultores da região Sul do Brasil, deu a terra para quem já tinha recursos para se desenvolver sozinho. Papai vendeu suas propriedades no Sul e chegou com condições de alavancar sua vida e ganhar poder. Os novos ricos de Mato Grosso se formaram com terras de graça, recursos próprios e muito trabalho. Em seguida o Governo começou a dar terras na maneira tradicional, financiando em parcelas, com dinheiro mal distribuído e descaso.

Mas não basta a terra. Uma área de mato precisa ser preparada. Primeiro vão dois tratores grandes com correntes trucidando a mata fraca do cerrado. Depois o fogo queima grande parte, restando os tocos, que são retirados de forma manual. A primeira plantação é de gramíneas para tirar a acidez do solo. Um ano depois o arado corta o solo e o arroz e soja finalmente é plantado. Este processo exige tratores, mão-de-obra e colheitadeiras – dinheiro pesado para investimento. Um pequeno agricultor não consegue se manter na terra, o que leva muitos a venderem seus lotes por alguns trocados. Meu pai e os novos ricos compraram estas